

ATOS DE FALA DIRETIVOS EM CONTEXTOS SOCIAIS DIVERSOS¹

DIRECTIVE SPEECH ACTS IN DIVERSE SOCIAL CONTEXTS

Carlos Frederico Ruviano²

Célia Helena de Pelegrini Della Mía³

RESUMO

Nesta pesquisa, o principal objetivo é o estudo dos atos de fala diretivos, especificamente, os pedidos realizados em contextos sociais diversos. Os resultados indicam que o perfil enunciativo dos atos de fala diretivos está atrelado a determinados contextos, no caso, o cenário universitário. A aparente arbitrariedade de um pedido indireto é dependente das situações ou cenários em que o ato é realizado.

Palavras-chave: Atos de fala, pedidos indiretos, contextos diversos.

ABSTRACT

In the present research, the main objective is the study of the directive speech acts, especially the request made in diverse social contexts. The results indicate that the enunciative profile of the directive speech acts is linked to certain contexts, in this case, the university scenery. The apparent arbitrariness of an indirect request depends on the situations or the sceneries in which the act is done.

Key words: Speech acts, indirect requests, diverse contexts.

INTRODUÇÃO

Neste estudo analisa-se o pressuposto de que os atos de fala diretivos, especificamente os pedidos, quando são enunciados de forma indireta, apresentam uma variedade de formas de realização instituídas arbitrariamente. Com a intenção de contestar esse pressuposto, propõe-se analisar os atos de fala diretivos (pedidos) em contextos sociais variados, verificando se sua

¹ PROBIC.

² Aluno do curso de Letras - UNIFRA

³ Orientadora.

realização direta ou indireta está ligada a situações, convencionalmente instituídas, de modo que se possa discutir a convencionalidade de determinados atos de fala diretivos realizados em diferentes contextos sociais.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram coletados 205 atos de fala que serviram de base para elucidar se os tipos de contextos sociais estabelecem convenções na forma de realização de atos de fala. A coleta do material para análise foi feita em três cenários, hipoteticamente propícios à realização de pedidos. São eles: um balcão de informações, um restaurante e a sala de uma administradora. Os cenários foram expostos a vinte e cinco pessoas com o intuito de que respondessem como fariam seus pedidos nos contextos propostos. Considerou-se a proposta de Searle⁴ (1995) para a definição dos atos de fala diretivos e para a determinação do caráter direto ou indireto desses atos.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A obra "Quando dizer é fazer - Palavras e ação", de Austin (1990), inicia, já em seu primeiro capítulo ou primeira conferência, um esboço do que vem a ser a chamada visão filosófica da linguagem e, conseqüentemente, a nova lingüística, que se preocupa com as verdadeiras e precisas interrogações sobre o fenômeno lingüístico.

Com o subtítulo "Performativos e Constatativos", o autor abre seu discurso, ressaltando que o que irá expor, em sua obra, não é nada difícil e muito menos polêmico e que o assunto a ser discutido é bastante difundido e óbvio, por isso, não passou despercebido por entendidos na área, ao menos em algumas instâncias. Comenta sobre a definição, ou melhor, o que se entende por uma declaração e qual seu verdadeiro papel. Apresenta, inicialmente, a visão dos filósofos que, por muito tempo, acreditaram que o papel de uma declaração era apenas o de descrever um estado de coisas ou de declarar um fato, verdadeiro ou falso. A seguir, expõe a visão dos gramáticos que, com freqüência, afirmavam que nem todas as sentenças são declarações e que há, tradicionalmente, além das declarações, sentenças que expressam perguntas, exclamações, ordens, desejos ou concessões (Declaração: construção lingüística lógica).

O autor afirma que, realmente, não é uma tarefa simples, nem para filósofos nem para gramáticos, distinguir uma pergunta ou ordem de uma declaração, fato que ocorre pela escassa atenção dada ao caso, devido, obviamente, às dificuldades que ele apresenta. Permanecem, portanto, dú-

⁴ Considerado herdeiro intelectual de Austin pela maioria dos lingüistas.

vidas em colocar limites e dar definições sobre como decidir o que é uma pergunta, o que é uma ordem e o que é uma declaração. Com o passar do tempo e com certos avanços no caso, estudiosos, tanto filósofos quanto gramáticos, afirmaram que muitas sentenças, anteriormente aceitas como declarações, após serem examinadas com um novo rigor, poderiam não possuir mais esse caráter. Porém esse exame analítico surgiu, inicialmente, sob uma visão puramente filosófica e, por isso mesmo, com proposições bastante dogmáticas. O autor, no decorrer de sua exposição, comenta e argumenta sobre o verdadeiro papel das declarações, afirma e contesta quanto a seus propósitos de registrar ou transmitir informações verdadeiras e diretas acerca dos fatos.

Na continuidade de seu discurso, o referido autor comenta sobre a delimitação preliminar do proferimento performativo e a possibilidade de seu uso inadequado gerar variedades muito especiais relacionadas à falta de sentido, ou seja, trata-se de expressões que se disfarçam, não necessariamente como declarações factuais descritivas ou constatativas, mas como expressões em suas formas explícitas. Austin (1990) crê que é conveniente e mais proveitoso estudar essas declarações, ao menos inicialmente, sob essa forma enganosa, justamente para explicitar suas características, contrastando-as com as declarações factuais que elas imitam. O autor utiliza exemplos de proferimentos que só podem ser enquadrados em categorias como as das declarações, assim todos os exemplos terão verbos usuais na primeira pessoa do singular do presente do indicativo da voz ativa, por isso, será possível encontrar proferimentos que nada descrevam, nem relatem, nem constatem, nem sejam verdadeiros ou falsos, e o proferimento da sentença é, no todo ou em parte, a realização de uma ação que não seria normalmente descrita, constituindo-se em dizer algo. Exemplos: Aceito esta mulher como minha legítima esposa - do modo que é proferido no decurso de uma cerimônia de casamento. Batizo este navio com o nome de Rainha Elizabeth - quando proferido ao quebrar-se uma garrafa contra o casco do navio.

Esses exemplos deixam bem claro que proferir uma dessas sentenças, nas circunstâncias apropriadas, evidentemente, não é descrever o ato que estaria se praticando ao dizer o que se disse, nem declarar o que se está praticando, porém, é simplesmente fazê-lo.

Mais adiante, o autor irá denominar as sentenças ou proferimentos do tipo exemplificado anteriormente, chamando-os de sentença performativa ou proferimento performativo. Ele diz que é necessário, para a consistência de um proferimento ou ato, todo um contexto ou circunstância para que esse se realize independente de sua intenção, verdadeira ou falsa. É neces-

sário que as palavras proferidas pelos interlocutores sejam apropriadas e que esses falantes produzam ações convenientes ao que se passa, sejam essas ações físicas ou mentais. É importantíssimo levantar a questão da seriedade das palavras e não interpretar esse fato como um mero sinal externo e visível, seja por conveniência seja por outro motivo, pois o proferimento exteriorizado é a descrição verdadeira ou falsa da ocorrência de um ato interno. Segundo Austin (1990), a exatidão e a moralidade estão juntas do lado da afirmativa de que nossa palavra é nosso penhor. Os proferimentos performativos se contrastam, primordialmente, com os proferimentos constatativos, pois esses últimos são uma referência histórica, uma declaração. Já um performativo é fazer uma aposta.

A preocupação do autor, no decorrer da obra, reside em diferenciar os proferimentos ou atos em performativos ou em constatativos, ou melhor, ao dizer "versus" por dizer algo e quando dizer algo e fazê-lo. Ele classifica os atos em locucionários, ilocucionários e perlocucionários. O primeiro, o ato locucionário, e dentro dele o fonético, o fático e o rético, é aquele que possui um significado. Já o ilocucionário é aquele que possui uma certa força ao dizer algo e o perlocucionário é aquele que consiste em se obter certos efeitos pelo fato de se dizer algo. Os atos ilocucionários são atos convencionais que, nessa obra, possuem uma ênfase especial e, em alguns capítulos, o autor dispõe várias linhas para diferenciá-lo de atos locucionários, principalmente, de atos perlocucionários.

Austin (1990) propõe as classes de proferimentos em função de sua força ilocucionária e dividiu os atos em cinco tipos: os vereditivos, os exercitivos, os comissivos, os comportamentais e os expositivos. Iniciou sua classificação comentando que os vereditivos consistem em emitir um juízo, oficial ou extra-oficial, sobre evidências ou razões quanto ao valor ou ao fato na medida em que esses são possíveis de distinção. Um vereditivo é um ato judicial, distinto dos atos legislativos ou executivos, os quais são exercitivos. Os exercitivos consistem em tomar uma decisão a favor ou contra um determinado curso da ação, ou advogá-la, ou melhor, é decidir que algo tem de ser de determinada maneira, em oposição a julgar que tal coisa é assim ou não. Os comissivos possuem um fator importante que é o de comprometer quem os usa a uma determinada linha de ação. As declarações de intenção diferem dos compromissivos assumidos e poder-se-ia questionar se devem ser classificados todos juntos ou não. Da mesma forma que distinguimos entre insistir e ordenar, também distinguimos entre ter a intenção e prometer. Os comportamentais incluem a idéia de reação diante da conduta e da sorte dos demais e de atitudes e expressões diante da conduta passada ou iminente do próximo. Os expositivos são usados nos atos de

exposição que consistem em expressar opiniões, conduzir debates e esclarecer usos e referências.

Em suma, pode-se dizer que o vereditivo é um exercício de julgamento, o exercitativo é uma afirmação de influência ou exercício de poder, o comissivo é um compromisso em assumir uma obrigação ou declarar uma intenção, o comportamental é a adoção de uma atitude e o expositivo é o esclarecimento de razões, argumentos e comunicações.

Searle (1979) define atos de fala diretos e indiretos, considerando que, quando um ato ilocucionário é realizado, a emissão do falante pode significar exata e literalmente o que o ato diz, ou pode haver divergência entre o significado da emissão do falante e o significado da sentença. É dessa adversidade quanto à significação que se originou a distinção entre ato direto e indireto. O autor comenta que os atos diretos são os casos mais simples de significação, pois nos atos de fala diretos, o falante emite uma sentença que quer significar exata e literalmente o que diz. Nesses casos, o ouvinte é levado pelo falante a reconhecer a intenção que o falante tem de produzir um certo efeito ilocucionário no ouvinte. Esse reconhecimento se dá em função do conhecimento que o ouvinte tem das regras que governam a emissão da sentença, como nos exemplos: a) Prometo que estudarei (ato de promessa); b) Ordeno que corra (ato de ordem); e, c) Por favor, traga-me um café (ato de solicitação).

Já nos atos indiretos, a significação da emissão do falante e a significação da sentença divergem, ou seja, um ato ilocucionário é realizado, indiretamente, por meio da realização de outro ato. A hipótese defendida por Searle (1979) é que, em atos de fala indiretos, o falante emite uma sentença que quer significar o que diz, mas também quer significar algo mais, assim, o falante comunica ao ouvinte mais do que realmente diz. Nesse caso, a significação depende da informação de base lingüística compartilhada entre locutor e alocutário, e da capacidade racional e inferencial do alocutário. Koch (1992) propõe, como exemplos de atos indiretos, as ordens e pedidos feitos por meio de enunciados interrogativos: a) Você pode me passar o açúcar?; b) Você quer fechar a porta?

Evidentemente não se está perguntando se a pessoa tem ou não a capacidade física de alcançar o açúcar, ou se deseja ou não fechar a porta, mas espera-se que o interlocutor execute a ação proposta no pedido. Ou ainda quando se diz: a) Tem muito barulho aqui! Geralmente, nesse caso não se tem por intenção constatar a respeito da sonoridade do recinto, mas pedir que algo seja feito para atenuar o barulho. Conforme Gibbes (1983), a realização de certos atos indiretos tornou-se tão convencional que, mesmo sendo possível uma dupla interpretação dos enunciados, já é comum que se

estabeleça o segundo caso como o representante direto das intenções do locutor. As perguntas utilizadas como maneiras indiretas de fazer pedidos ilustram bem essa convencionalidade. É importante registrar que é de Searle a maior contribuição para a identificação da forma enunciativa dos atos de fala. As demais teorias referentes a atos de fala especificam e complementam o que o autor propõe.

Searle (1995) comenta que, em relação à classificação ou taxionomia dada por Austin aos atos de fala, há no mínimo, seis dificuldades inter-relacionadas, que se apresentam em ordem crescente de importância. Há uma confusão persistente entre verbos e atos, pois nem todos os verbos são verbos ilocucionários, há sobreposição demais entre as categorias, muitos dos verbos catalogados nessas categorias não satisfazem a definição a cada uma delas e o que é mais importante, não há princípio consistente de classificação. O autor não crê ter comprovado todas essas seis acusações e não tenta fazê-lo nos limites da sua obra que, certamente, possui outros objetivos. Ele acredita, entretanto, que suas dúvidas sobre a taxionomia de Austin ganhará mais clareza e força após apresentar uma classificação alternativa. Para Searle (1995), essa classificação alternativa baseia-se na tomada do propósito ilocucionário em suas relações, ou seja, a direção do ajuste e as condições de sinceridade expressas, sem falar em outras características, como as relações discursivas e outras que, segundo o autor, encontrarão seu lugar apropriado.

Searle (1995) classifica os atos de fala em: assertivos cujo propósito é comprometer o falante com a verdade da proposição expressa. Diretivos, que consistem na tentativa de o falante conduzir ou levar o ouvinte a fazer algo. Os compromissivos que comprometem quem os usa em uma ação futura. Os expressivos que possuem o propósito ilocucionário de expressar um estado psicológico, especificado na condição de sinceridade e expressar um estado de coisas, especificado no conteúdo proposicional. Não há direção de ajuste, já que, ao se realizar um ato expressivo, não se está tentando fazer com que as palavras correspondam ao mundo, nem se está tentando fazer com que o mundo corresponda às palavras, pois a existência do ajuste já está pressuposta. Os declarativos são aqueles que se relacionam ao fato de que a realização bem sucedida de um de seus membros produz a correspondência entre o conteúdo proposicional e a realidade, por isso a direção de ajuste é tanto palavra-mundo quanto mundo-palavra. Enfim, pode-se dizer que Searle (1995) fundamenta sua classificação proposta aos atos de fala a partir do propósito do ato, do ajuste entre a palavra e o mundo e dos estados psicológicos expressos.

METODOLOGIA

O desenvolvimento deste trabalho foi feito por meio de pesquisa de campo, revisão da literatura pertinente e análise de dados. Para a realização da pesquisa de campo, foi entregue um questionário a vinte e cinco (25) acadêmicos de cursos variados do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), apresentando três cenários ou contextos diversos. Esse objetivava buscar o corpus para a pesquisa. Foram coletados 205 atos de fala diretos realizados nos três cenários distintos dentro do Centro Universitário.

O cenário 1 objetivava mostrar como seriam realizados os pedidos no balcão de informações da entrada central do Centro Universitário. No cenário 2, a preocupação era verificar esses pedidos no balcão do bar (restaurante da UNIFRA). Já o cenário 3 mostrou como foram feitos os pedidos na sala da Reitora da universidade, mostrando o perfil enunciativo, também bem diferenciado, nesse contexto social.

Após a delimitação do corpus, foi feita a análise da realização direta ou indireta desses atos, baseada em Searle (1995), o que permitiu cumprir com os objetivos deste estudo. Para a revisão da literatura, foram revisitados os principais autores que discutiram a teoria dos atos de fala, bem como o que deu origem a essa teoria.

Os cenários, hipoteticamente expostos, foram os seguintes:

CENÁRIO 1

Você entra no Centro Universitário Franciscano e precisa pedir uma informação no balcão da entrada (central). Lá está um funcionário que você não conhece. Qual será a sua forma de fazer esse pedido de informação? Tente descrever abaixo algumas formas que você, comumente, usa em situações semelhantes.

- a) _____
- b) _____
- c) _____
- d) _____
- e) _____

CENÁRIO 2

Você entra no bar do Centro Universitário Franciscano porque está com muita fome e pede alguma coisa para comer. Lá está um funcionário que você já conhece. Qual será a sua forma de fazer esse pedido? Tente

descrever, a seguir, algumas formas que você usaria para pedir algo no balcão do bar.

- a) _____
- b) _____
- c) _____
- d) _____
- e) _____

CENÁRIO 3

Você marca um horário para ser recebido pela Reitora do Centro Universitário Franciscano com o objetivo de lhe fazer um pedido. Quando você for recebido pela Reitora, qual será a sua forma de fazer esse pedido? Tente descrever, a seguir, algumas formas que você usaria para fazer esse pedido.

- a) _____
- b) _____
- c) _____
- d) _____
- e) _____

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A pesquisa, em sua totalidade, apresentou 205 atos de fala entre atos diretos, indiretos (condição preparatória, de sinceridade e de sinceridade com o performativo explícito) e pré-atos.

Pode-se constatar que houve uma maior incidência de atos diretos no cenário 2 (28 atos de fala) e nenhum no cenário 3. Já os atos indiretos estiveram presentes em todos os três cenários e a manifestação da condição preparatória predominou no cenário 1 (35 atos de fala). O alçamento da condição de sinceridade também se apresentou com maior frequência no cenário 1 (23 atos de fala). Já a condição de sinceridade, com performativo explícito, teve maior incidência no cenário 3 (18 atos de fala), devido justamente à condição social, hipoteticamente, exposta. No cenário 2, não houve atos de fala indiretos com a condição de sinceridade com o performativo explícito. A presença de pré-atos, ou seja, atos lingüísticos que não constituem ainda um ato de fala diretivo, ou melhor, atos lingüísticos que são uma preparação para uma futura realização de um ato de fala e que não possuem uma força ilocucionária como pedir, ordenar, suplicar... (teoria dos atos de fala), foi absolutamente maior no cenário 3, sendo quase inexistente no

cenário 1 e 2. No cenário 2, houve dois pré-atos. Esses dados só foram possíveis de se coletarem devido aos contextos sociais, hipoteticamente, expostos aos pesquisandos.

As tabelas a seguir informam, com precisão, o número de atos de fala em cada cenário, além de evidenciar o número desses conforme cada condição encontrada no corpus.

TABELA 1 - Cenário 1 - Balcão de informações (UNIFRA)

	P 1	P 2	P 3	P 4	P 5	P 6	P 7	P 8	P 9	P 10	P 11	P 12	P 13	P 14	P 15	P 16	P 17	P 18	P 19	P 20	P 21	P 22	P 23	P 24	P 25	SOMA	TOTAL
1	2	1	4	2	-	1	1	1	1	3	2	2	-	2	1	-	1	1	1	1	2	2	1	3	-	35	35
2	1	-	-	1	-	-	-	3	-	-	-	-	3	1	-	3	3	3	1	2	1	-	-	-	1	23	23
3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	2
4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
5	2	-	-	1	-	1	1	2	-	2	1	1	1	-	3	-	3	1	1	-	-	1	-	1	-	1	23
TOTAL DE ATOS																									83	83	

LEGENDA: P = Peça; 1 - Atos Indiretos Condição Preparatória; 2 - Atos Indiretos Condição de Sinceridade; 3 - Atos Indiretos Condição de Sinceridade com Performativo Explícito; 4 - Pré-Ato; 5 - Atos Diretos

Os atos indiretos com a condição preparatória predominaram neste cenário. Foram 35 (trinta e cinco) atos de fala, numa totalidade de 83 (oitenta e três). Exemplo de ato de fala com a condição preparatória: - Você poderia me dar uma informação?

TABELA 2 - Cenário 2 - Balcão do bar (UNIFRA)

	P 1	P 2	P 3	P 4	P 5	P 6	P 7	P 8	P 9	P 10	P 11	P 12	P 13	P 14	P 15	P 16	P 17	P 18	P 19	P 20	P 21	P 22	P 23	P 24	P 25	SOMA	TOTAL
1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	1	-	7	7
2	-	-	2	2	2	-	-	-	-	-	1	-	1	-	2	-	-	4	3	-	2	-	-	-	2	20	20
3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
4	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2
5	-	2	-	1	-	3	-	1	-	-	-	2	1	1	3	-	-	1	-	-	3	4	1	4	1	-	28
TOTAL DE ATOS																									57	57	

LEGENDA: P = Peça; 1 - Atos Indiretos Condição Preparatória; 2 - Atos Indiretos Condição de Sinceridade; 3 - Atos Indiretos Condição de Sinceridade com Performativo Explícito; 4 - Pré-Ato; 5 - Atos Diretos

Neste cenário em que o contexto social propiciou uma certa informalidade, os atos diretos predominaram sobre os atos indiretos e suas condições. Foram 28 (vinte e oito) atos de fala, num total de 57 (cinquenta e sete).

Exemplo de ato de fala direto: - Oi, tudo bom? Me dá um sanduíche.

TABELA 3 - Cenário 3 - Sala da Reitora (UNIFRA)

	P 1	P 2	P 3	P 4	P 5	P 6	P 7	P 8	P 9	P 10	P 11	P 12	P 13	P 14	P 15	P 16	P 17	P 18	P 19	P 20	P 21	P 22	P 23	P 24	P 25	SOMA	TOTAL
1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	1	-	-	1	-	-	1	2	-	-	-	7	7
2	-	-	-	-	-	-	-	2	2	-	1	-	1	4	1	1	2	2	2	-	-	1	2	-	-	21	21
3	-	1	-	2	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	1	1	1	2	-	2	1	-	1	2	2	18	18
4	2	-	2	-	1	1	-	-	3	3	-	-	-	1	-	1	-	3	2	-	-	-	-	-	-	19	19
5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
TOTAL DE ATOS																									65		

LEGENDA: P= Peça; 1 - Atos Indiretos Condição Preparatória; 2 - Atos Indiretos Condição de Sinceridade; 3 - Atos Indiretos Condição de Sinceridade com Performativo Explícito
4 - Pré-Ato; 5 - Atos Diretos.

O cenário 3, além de apresentar uma maior predominância de atos de fala com a condição de sinceridade (21 atos de fala), apresentou também uma grande quantidade de atos de fala, com a condição de sinceridade, com o performativo explícito (18 atos de fala), e também a presença de pré-atos (anteriormente especificados).

Exemplo de ato de fala com a condição de sinceridade: - Eu gostaria que a senhora me desse um desconto na mensalidade.

Exemplo de ato de fala, com a condição de sinceridade, com performativo explícito: - Excelentíssima Reitora, quero lhe fazer um pedido.

Exemplo de ato de fala com a condição de pré-ato: - Irmã, desculpa incomodar, mas eu...

O gráfico a seguir reforça as indicações verificadas nas tabelas, comprovando que os atos de fala, com a condição de sinceridade e sinceridade com o performativo explícito, predominaram neste estudo.

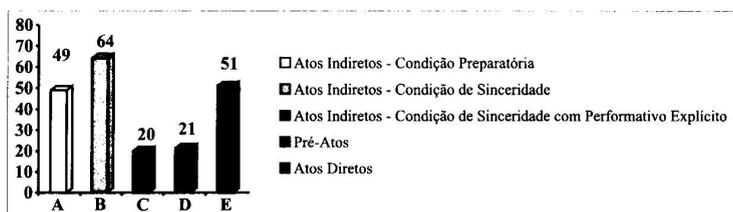


FIGURA 1 - Número total de atos = 205

CONCLUSÕES

Dos 205 atos de fala diretivos analisados, 133 foram atos indiretos, dos quais 54 (cinquenta e quatro) pertencem ao primeiro cenário; 24 (vinte e quatro) ao segundo e 55 (cinquenta e cinco) ao terceiro. Segundo Searle (1995), para a determinação do perfil enunciativo dos atos de fala, constatou-se que os atos foram realizados de forma indireta na maioria dos cenários, já a realização direta dos pedidos só predominou no cenário 2, não predominando no cenário 3 e, ocorre em pequena proporção no cenário 1. Esse dado permite inferir que um determinado contexto social informal e conhecido, como o cenário 2, permite uma maior realização direta de atos diretivos, assim como um cenário formal, como o terceiro citado, não irá permitir que se realize um ato de fala diretivo direto.

Das 133 enunciações indiretas, 49 satisfizeram a condição preparatória e 64, a condição de sinceridade, mas 20 desses atos apresentaram, além da condição de sinceridade, a presença do performativo explícito para a realização do ato de fala, além de 21 pré-atos encontrados no cenário 3. O alçamento da condição preparatória apresentou sentenças relativas à habilidade ou à capacidade do ouvinte em realizar o ato. O cenário 1 foi o que apresentou maior número de alçamentos desse tipo, 49. O cenário 3 foi o que obteve o maior número de alçamentos na condição de sinceridade, foram 34 atos realizados, dos quais 16 apresentaram performativos explícitos, ou seja, predominaram as sentenças relativas aos desejos ou vontades dos falantes de que o ouvinte executasse um ato. Nota-se, portanto, que houve uma interação entre a situação comunicativa e a realização indireta do ato de fala.

Os resultados dessa pesquisa mostram que o perfil enunciativo dos atos de fala está atrelado a determinados contextos sociais, portanto, as diferentes formas de realização indireta dos pedidos não ocorrem por razões arbitrárias. A aparente arbitrariedade de um pedido indireto é dependente das situações sociais em que o ato é realizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTIN, J.L. **Quando dizer é fazer**. Trad. Danilo Marcondes Souza. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1990.

GIBBS JR, R.W. Do people always process the literal meanings of indirect requests. **Journal of Experimental Psychology: Learning memory and cognition**, v. 9, n. 3, p. 524-33, 1983.

KOCH, I.G.V.1979. **A interação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.

SEARLE, J.R. **Os actos de fala**: um ensaio de Filosofia da Linguagem. Trad. Carlos Vogt et al. Coimbra: Almedina, 1979.

_____. **Expressão e significado**: estudos da teoria dos atos de fala. Trad. Ana Cecília G.A. de Camargo, Ana Maria Marcondes Garcia. São Paulo: Martins Fontes, 1995.